

ARTE CONTEMPORÂNEA E INTERAÇÃO SOCIAL: ABORDAGENS EDUCATIVAS A PARTIR DA CULTURA VISUAL

Lutiere Dalla Valle

Universidade Federal de Santa Maria-RS, Brasil

lutiere@dallavalle.net.br

Milena Regina Duarte Corrêa

Universidade Federal de Santa Maria-RS, Brasil

milenadc27@gmail.com

RESUMO

Este texto tem como objetivo explorar o potencial educativo da arte contemporânea a partir de três vivências artísticas com crianças da educação infantil e séries iniciais em instituições formais de ensino. As propostas educacionais desenvolvidas em espaços expositivos alternativos articulam-se a partir de produções artísticas locais, tendo o caráter narrativo e interpretativo no que tange à compreensão crítica e reflexiva do campo da visualidade e seus desdobramentos no âmbito da aprendizagem. Assim sendo, tem como finalidade ampliar e aprofundar o contato do público com exposições artísticas e, sobretudo, oportunizar formação de interlocutores no campo das artes visuais. Para tanto, tecemos estratégias didáticas de cunho experimental e itinerante, visando promover práticas de interação com as obras a partir da cultura visual, dialogando a partir de conhecimentos prévios, abordando aspectos relevantes ao campo da experimentação e processos de subjetivação.

Palavras-chave: arte contemporânea, interação social, cultura visual.

1. INTRODUÇÃO

Concebemos as produções artísticas como artefatos educativos, pois movimentam o pensamento e estimulam múltiplas elaborações mediante práticas de sentido e significação com as quais nos relacionamos cotidianamente. Nos aproximamos da arte como artefato que incita o pensar, pois, diz respeito às percepções que envolvem a memória, àquilo que permanece como referencial anterior e que em relação com as novas conexões pode reconfigurar-se, estabelecendo outras/múltiplas vinculações. Além disso, nos envolve intimamente ao estabelecer relações com aspectos que nos afetam a partir dos distintos imaginários que guardamos.

Como dispositivo educativo a partir das artes (isento de um caráter prescritivo), propomos, portanto, ações subsidiadas por cinco eixos centrais: 1) observar e estabelecer relações com conhecimentos prévios; 2) interagir e imaginar com o campo da representação do que está sendo apresentado; 3) dialogar a partir das diferentes percepções a fim de sistematizar pontos de contato e pontos de discrepância; 4) produzir a partir do que a experiência possibilita pensar e aprender; e por último, (5) refletir sobre o que podemos elaborar a partir das imagens produzidas - ou seja, o que reverbera a experiência. Logo, investigar como esta experimentação poderia configurar-se educativa ao explorar como são (*con*)formados estes espaços de diálogo transitório e efêmero existente a partir das exposições temporárias.

Além da provocação forjada pela curiosidade diante dos artefatos apresentados, as mostras pretendem, de modo geral, desnaturalizar a visão da arte como apreensão técnica e/ou ilustrativa, deslocando-se pelas vias da concepção inventiva, autoral, autônoma e subjetiva. Igualmente, deslocar as produções artísticas do status sagrado do lugar da contemplação para espaços dialógicos e de experimentação. Para tanto, propomos estratégias peculiares a cada visitação/ mediação/exposição, no intuito de contemplar os distintos públicos, bem como as múltiplas possibilidades de interação com/a partir das artes visuais.

Tendo em vista a carência de disciplinas para formação de agentes culturais e/ou mediadores para atuar em espaços expositivos na região, percebeu-se a necessidade de desenvolver projetos em que a experiência de organizar, problematizar e mediar exposições de arte fossem parte dos processos formativos no curso de artes visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Neste sentido, antecipamos que não consiste em uma metodologia a ser seguida passo a passo, pois propõe abertura à multiplicidade, requerendo especial atenção ao movimento dos grupos, ao que reverbera nos sujeitos envolvidos a partir do contato com as manifestações artísticas em cada contexto, ou seja, por caminhos e metodologias em processo.

Deste modo, nesta escrita faremos uso de três experimentações como ponto de partida para pensar as possibilidades educativas das artes. Em forma de relato, abordaremos as exposições realizadas em distintas circunstâncias e lugares: uma exposição individual proposta em dois espaços formais de ensino e uma exposição itinerante coletiva em espaço aberto, *improvisado*.

2. ESPAÇOS EXPOSITIVOS E MEDIAÇÃO EDUCATIVA

Segundo HELGUERA (2011: 36), os procedimentos e a educação em museus necessitam evolucionar necessariamente junto à arte que se produz, pois a disposição e interesse dos novos públicos configuram e reclamam um caráter diferenciado das

concepções contemplativas, apenas. Decorrente das inúmeras transformações presentes na cultura contemporânea – de consumo exacerbado e apelo à culturas das imagens – são recorrentes as intervenções de profissionais do campo artístico haja visto a complexidade, bem como ampla variedade de proposições que exigem posicionamentos diferenciados – em alguns casos, conhecimentos técnicos específicos para uma compreensão mais aprofundada do que propõe seu autor/autora. A partir disso, pensamos na primeira ação de mediação que compõe esta escrita.

Esta primeira experiência educativa originou-se a partir da exposição “A (Trans)Lucidez da Arte: (Des)Tino Humano”, realizada em um espaço expositivo formal: a Sala de Exposições Cláudio Carriconde¹, desdobrando-se em variadas etapas e experimentações. Além das visitas guiadas e provocações dialógicas durante o encontro com as obras expostas (cerca de 20 desenhos²) foram propostas oficinas de experimentação material, conversa com artista e, deslocamentos pelos espaços/ateliês que compõem as dependências do curso de formação em artes da Universidade³. Não apenas a materialidade das obras, mas também os ambientes repletos de objetos propícios ao fazer artístico e inventivo, apresentava aos visitantes valiosa aproximação com experiências e ambientes que para eles era inusitado.

1. Fonte: acervo pessoal, 2016. Visita à exposição A (Trans)Lucidez da Arte: (Des)Tino Humano. Sala de Exposições Cláudio Carriconde, Centro de Artes e Letras da UFSM. Após a visitação, oficina de desenho em papel vegetal.



Posteriormente, a exposição foi reconfigurada, deslocando-se para uma escola, ocupando o espaço da instituição, configurando-se dispositivo pedagógico à toda comunidade educativa. Alterando o nome para “A Translucidez do Corpo” foi pensada e articulada de forma que pudesse desvincular-se da concepção de obra legitimada pelo espaço expositivo formal, podendo habitar a escola, lugar de acesso cotidiano, de fluxo contínuo. As obras expostas no Salão de Atos, funcionou como espaço aberto às distintas faixas etárias e interesses. Levando em consideração o tema proposto pelas obras (estudos anatômicos do corpo humano por meio de interpretações poéticas de órgãos, fragmentos de membros, ossos, vísceras) percebeu-se que em diferentes momentos, docentes de outros campos (sobretudo das ciências, da pedagogia, da filosofia e sociologia) fizeram uso destas como problematizadoras em suas aulas.

2. Fonte: acervo pessoal, 2017. Visita à exposição A Translucidez do Corpo. Salão de Atos do Colégio Marista Santa Maria.



O planejamento pensado e configurado para a montagem da exposição foi tão flexível quanto a abordagem de mediação dela. Não foi tido como algo estático, fechado, pelo contrário, foi flexível e aberto a mudanças do início ao fim, tendo em vista que a infância altera os rumos, interroga e nem sempre aceita a previsibilidade. E foi o que aconteceu durante as visitas mediadas:

1. Sala de Exposições, Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil.

2. Desenhos realizados com ponta seca sobre papel vegetal, suspensos em fios de nylon e dispostos afastados das paredes da sala, possibilitando deslocamentos ao seu redor, favorecendo a percepção dos efeitos da luz e sombra sob as texturas inferidas pela grafia.

3. Ateliês variados (cerâmica, pintura, escultura, gravura, desenho, serigrafia, estamparia)

experimentamos, invertemos a ordem das ações, adaptamos ao tempo de concentração dos pequenos, conversamos e exploramos o que foi possível em grupos, ou individualmente, para que posteriormente pudéssemos conversar sobre os elementos apreendidos nas obras. Em decorrência, com a possibilidade de caráter interdisciplinar, foi possível envolver práticas de visualização de células no microscópio no laboratório de ciências da escola, com a participação da professora da área, proposta que desenvolveu-se em inúmeras relações entre as células observadas e a interpretação a partir destas nos desenhos da exposição visitada, contemplando as possibilidades da criação em arte a partir da subjetividade de quem cria. Posteriormente, foram feitas experimentações com a gravura em isopor desenvolvidas na sala de Artes da escola, em conjunto com as professoras colaboradoras, observando e construindo alternativas de criação na linguagem do desenho em conjunto das descobertas da isogravura.

3. Fonte: acervo pessoal, 2016. Laboratório de Biologia e Ateliê de Artes Visuais - Colégio Marista Santa Maria



Pensando em uma mediação rizomática, ou seja, num sistema de relações que se irradiam entre o objeto e quem aprende, constrói-se uma aprendizagem que não é passiva, nem fixa, mas que é ativa, flexível e propositaria (Martins, 2005: 54-55). À luz da perspectiva educativa dos estudos da cultura visual, podemos dizer que a exposição de arte *mobiliza* formas de compreensão ao estabelecer atravessamentos que envolvem não apenas conhecimentos da linguagem em questão mas, sobretudo, articulação de conceitos e imagens previamente apreendidas, configurando-se no plano sensorial, sonoro e visual da ação que se materializa em seu tempo de realização, a partir de um *entre* com *sucessivas aproximações e/ou deslocamentos* íntimos. Isto é, ao encontro das ideias de Paulo KNAUSS (2008: 155) “em diálogo com a materialidade e ressonâncias do imaginário” que se constrói a partir destas conexões.

Portanto, articular as distintas produções artísticas contemporâneas de modo *relacional, afetivo, múltiplo, em devir*, algo que não está pronto, onde existem infinitas probabilidades de aproximação e diálogo, configura-se nosso propósito. Igualmente, nos impulsiona a refletir sobre o que podemos aprender *com/a partir* das imagens produzidas pela arte e como as experiências de aprender podem ser potencializadas a partir dos espaços expositivos, isto é, investigar como o contato com as obras pode configurar-se *educativo* na formação cognitiva nos variados segmentos.

Ao estabelecer diálogos e parcerias com escolas do nosso entorno social e demais espaços educacionais, bem como a inserção dos acadêmicos do curso de licenciatura em artes visuais nas escolas de Educação Básica, é possível contemplar ações que primam pela melhoria da produção do conhecimento das professoras que já atuam na escola e igualmente dos acadêmicos em processo de formação inicial na docência. Não apenas contribuições a respeito do que estaria sendo apresentado, mas também a partir do que pode ser elaborado em decorrência das vivências, percepções e conexões individuais desencadeadas pelo contato com a arte. Foi, portanto, a partir destas percepções iniciais que multiplicamos as experiências e articulamos desdobramentos – como é o caso do Projeto de Exposições Itinerantes “*Art in Bag*” – para dar segmento às demandas identificadas ao longo do projeto e desta escrita.

3. A POTÊNCIA EDUCATIVA NA MEDIAÇÃO EM ARTE

Tendo em vista que as *obras artísticas* carregam particularidades específicas de sua natureza *visual/afetiva*, a ideia é pensar que as artes não poderiam ser conjecturadas dentro de uma única estrutura linguística/perceptiva à qual nos vinculamos em nossos contextos culturais, geográficos e temporais, pois amplia os campos da percepção abrindo-se mais para a experimentação subjetiva, do que a uma compreensão formal de significação previamente apreendida. Da mesma forma, discursivamente constitui-se *potencia simbólica*, recheada de elementos oriundos de imaginários coletivos os quais ancoramos nossas percepções mais íntimas, assim como os imaginários produzidos pelas culturas.

Quando desenvolvemos projetos de mediação em espaços expositivos (sejam estes institucionalizados ou não), tecemos estratégias para receber o público e promover interações com as obras, além de desencadear processos de subjetivação. Durante a intervenção, buscamos falar não apenas sobre o que vemos, mas também a partir daquilo que não se vê, permeando vivências atreladas às memórias, percepções e conexões individuais. É a partir das experiências individuais que multiplicamos as experiências sensíveis e cognitivas compartilhadas pelas obras. Como *articuladores* ou *articuladoras* destes momentos de encontro, almejamos potencializar os saberes artísticos que impregnam as produções, para que estes sejam envolvidos pelas

elaborações conceituais próprias que cada sujeito aporta. Esta ação é focada no diálogo e na troca com o público estimulando o compartilhamento de pontos de vista e percepções, é uma prática educativa que privilegia a troca de saberes e a construção de significados através de experimentações subjetivas que constroem significados. A mediação busca estabelecer nexos e sustentar determinados conflitos para que o público faça sua ressignificação e produza seu conhecimento e interpretação (Gama, 2013: 37).

Nesse contexto, pela dificuldade de produzir experiências a partir dessas práticas culturais, tanto artistas como professores de arte em formação demonstram suas preocupações diante do espaço expositivo, das relações com seu entorno e os processos de subjetivação que decorrem delas. No que tange à produção contemporânea em arte, cada vez mais necessitamos de elementos que potencializem processos de interação e construção de significados, uma vez que nem sempre estamos familiarizados com uma produção que permeia o inusitado, o diferente. É comum nos depararmos com discursos ainda modernos e/ou tradicionais que impedem aproximações com a produção atual no campo das artes visuais. Isso decorre de inúmeros fatores, dentre os quais, destacamos a carência de experiências estéticas no âmbito escolar desvinculadas do simples fazer como destreza técnica; a falta de espaços expositivos que propiciem vivências significativas no campo das artes, assim como políticas públicas de fomento e formação.

Por isso, precisamos ter em mente o que estamos trazendo para mediação educativa/artística: se trata da arte produzida na contemporaneidade, que dialoga com os objetivos e ideais da mesma. Na contemporaneidade, não é novidade que a cultura esteja baseada no consumo exacerbado e, sobretudo, no consumo de imagens oriundas das mais variadas fontes. Este apelo às culturas da imagem, promovem a superficialidade da elaboração simbólica e, conseqüentemente, da produção de conhecimento. Desta forma, cada vez mais os espaços expositivos (muitas vezes inseridos em shopping centers), produzem maneiras de ver imagens de forma fugaz, resultando incompreensíveis e/ou descartáveis formas de experiência sem mesmo ver suas possibilidades de entendimento. Nas palavras de Helguera (2011: 47)

“uma vez que os espaços culturais como os museus costumam ser também espaços turísticos, o papel do mediador se confunde frequentemente com o de guia turístico – um ofício essencialmente de prestações de serviço que trata o espectador como cliente e não como interlocutor; fornecendo dados e, por momentos, divertindo e animando”. (Helguera, 2011: 7)

Pensando assim, é importante lembrar que além de não se tratar de um passeio, também não se trata de uma “visita guiada”, caracterizada por um roteiro delimitado que pressupõe um público que não sabe, a mediação educativa parte da ideia de que o público, independentemente de sua idade, também sabe, também produz relações e conhecimentos a partir do que vê.

Quando falamos do que se vê, estamos ampliando a palavra para o sentido de “entorno”, este, relacionado à escola ou espaços que se circula. Este entorno, entendemos tanto uma exposição, quanto uma projeção cinematográfica, um debate articulado a partir de alguma visualidade, imagens que nos perpassam durante os dias ou ainda, produções de arte da contemporaneidade, nas aulas de artes, por exemplo. Pensando a partir de Hernández, pretende-se ampliar as possibilidades de elaboração entorno das produções visuais contemporâneas, pois, nos ambientes educativos institucionalização tem-se a necessidade que a aula de arte seja um lugar de produção crítica cultural, onde o visual é produzido à maneira de artistas contemporâneos (Hernández, 2007: 43).

Neste sentido, pensamos em uma produção que atravessasse novos caminhos e seja possibilitada a partir de muitos artefatos, assim como na arte contemporânea, que inclua num conceito comum todas as visualidades que afetam o sujeito em seu cotidiano e destaca cada uma delas. Este entorno educativo, implica tudo aquilo que se quer recolher, assim como artistas contemporâneos o fazem: bricolando elementos para a produção de uma visualidade. Essa produção possibilitada a partir de uma exposição de arte, requer comunicação das duas partes, mediadores como propositores de elaboração e criação significados, como também de visualidades, e do público que participe, questione e invente a partir daquilo que vê.

4. DESDOBRAMENTOS DO PROJETO: ART IN BAG

Em virtude da carência de relações tangenciadas entre a academia e, sobretudo, as produções artísticas da academia com a cidade, é que o *Art in Bag* foi criado. Dentre os objetivos iniciais, um deles era fomentar esse intercâmbio afim de propagar a pesquisa visual dos estudantes de Artes Visuais e ainda, possibilitar a experiência de mediação expositiva. As demais inquietações sobre o projeto eram de caráter formal e estético. Primeiro, no que diz respeito ao tipo de exposição que seria montada: uma exposição que circulasse e coubesse no espaço de uma mala, obras em formato bidimensional, com medidas entre A4 e A3, deslocando-se por diferentes espaços. Para isso, um edital selecionando 30 acadêmicos/artistas, cada um doando um trabalho, formou-se o acervo da exposição. Consistiu, portanto, em um misto de linguagens (desenhos, colagens, gravuras, pinturas, aquarelas) sem determinações prévias, cada uma com determinadas temáticas, entre algumas: retratos, abstração, natureza-morta e paisagem.

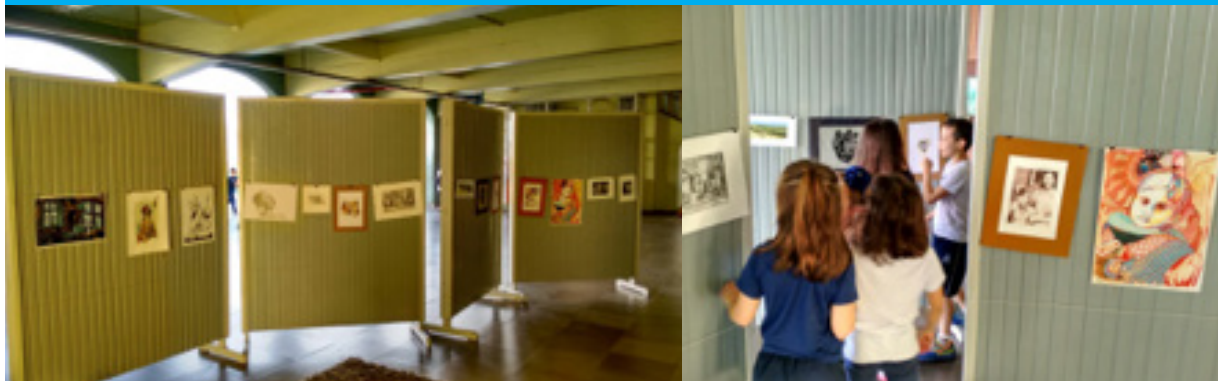
Além do intercâmbio e integração da comunidade na produção artística desenvolvida na UFSM, o projeto viria a explorar as possibilidades *educativas* que a arte oferece ao estabelecer diálogos com a produção do conhecimento em sua especificidade: subjetivação, exercício crítico e criativo, sensibilidade do olhar e compreensão das diferentes linguagens artísticas.

Em sua primeira mostra, a exposição itinerante percorreu três escolas da região, situadas em distintos contextos sociais, geográficos e culturais. A montagem das exposições foi feita em um varal com a altura adaptada para melhor visibilidade das

crianças. A mala que guardava as obras, e o banner que expunha o objetivo do projeto, foram dispostos de maneira estratégica para que todos que passassem pelo local pudessem compreender qual a proposta da exposição, mesmo que não participassem das oficinas.

O projeto de extensão, além de oferecer a exposição e a mediação desta, também ofereceu oficinas, conversas com artistas e visitas guiadas. As visitas foram realizadas com duas turmas por horário, inicialmente, do 1º ano do Ensino Fundamental. Abaixo, imagem da primeira instituição que recebeu a mostra itinerante:

4. Fonte: acervo pessoal, 2016. Exposição realizada no Colégio Marista Santa Maria



Durante a experimentação, desenvolveu-se alguns diálogos: *em que consiste uma exposição de arte? Quem já esteve em uma exposição? Que tipos de trabalhos podemos encontrar em uma exposição? Quem são as pessoas que participam?* Posteriormente, com ênfase no *Art in Bag*: *que trabalhos são esses? Do que são feitos? Quais técnicas, materiais?* Em decorrência da faixa etária, o diálogo centrou-se nas especificidades da técnica, cores, maneira de fazer, entre outras questões especulativas.

A segunda escola onde a mala passou, dispunha de um ambiente improvisado para a sua montagem, e contou com a visita de alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental. Em virtude da faixa etária, o diálogo centrou-se a partir do que os estudantes já conheciam sobre arte: quais eram as concepções que nutriam, que imaginários detinham sobre arte – diálogos que suscitaram (o que era de se esperar) ideário atrelado a destreza técnica, sobretudo às linguagens tradicionais – desenho, pintura, escultura – o que configurou momento relevante em nossa prática educativa, uma vez que contávamos com alguns trabalhos de gravura, colagens que possibilitaram-nos apresentar-lhes outras abordagens, tendo em vista a necessidade de relacionar-se também com a técnica de modo singular e único. Abaixo, registro de uma das turmas da escola:

5. Fonte: acervo pessoal, 2016. Exposição realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Altina Teixeira



A terceira e última escola, na visita ao *Art in Bag* contou com cerca de 30 crianças de idades entre 6 e 7 anos. Além da mediação em torno das obras e posterior conversa sobre estas, foi possível a realização de dinâmica e oficina a partir de uma linguagem específica que fazia parte da exposição: a gravura. Partindo do objetivo principal da técnica da gravura em espelhar e inverter o desenho, foi feita a dinâmica “do espelho”: em duplas, uma criança era o protagonista, e a outra, o espelho, invertendo os papéis na sequência para que a ideia ficasse clara. Subsequentemente, cada um interpretava o colega com um desenho que contemplasse as suas características principais.

Durante toda a tarde foi possível construir problematizações sobre as relações da exposição com a dinâmica, com as técnicas e linguagens artísticas e, o quanto uma exposição pode se relacionar com nós mesmos, como é o caso da abordagem da cultura visual que busca possibilitar um intercâmbio entre o que se vê, e o que é visto. Abaixo, as imagens:



A partir dessas experiências, entendemos que ao desenvolvermos projetos de interação em espaços expositivos (sejam estes institucionalizados ou não), propomos estratégias não apenas para receber os distintos públicos a partir de suas particularidades, mas principalmente, promover conexões inventivas com/a partir das obras, além de desencadear processos de elaboração cognitiva entorno aos artefatos, sejam eles apropriações das obras, interpretações, e uma produção visual a partir dessas, o que implica oportunizar uma estratégia para se ter relação com as obras expostas de modo que não distante. Durante a intervenção, acreditamos ser relevante incentivar os participantes a falar não apenas sobre o que estão vendo, mas aquilo que também se relaciona à sua produção, endossados por suas vivências, percepções e conexões individuais tramadas com as experiências coletivas.

É a partir das experiências individuais que multiplicamos as experiências sensíveis e cognitivas compartilhadas pelas obras. Portanto, é uma preocupação constante que nos mobiliza, da necessidade de nos confrontarmos com o desafio de estimular à construção de saberes oriundos das experiências estéticas diante de um artefato cultural.

Helguera (2011) refere-se à figura do mediador. Em nossas experimentações damos preferência ao termo articulador, uma vez que depositamos nossa maior expectativa na ideia da provocação, em práticas que buscam a desnaturalização do olhar, muito além de mediar um processo de aquisição de determinada linguagem e/ou compreensão dos artefatos dispostos por seus idealizadores. Neste sentido, nos posicionamos como provocadores, ou interlocutores, que não estão preocupados com a intencionalidade de quem produziu a obra, mas no potencial evocativo que ela alcança nos ambientes de aprendizagem coletiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experimentações realizadas sinalizam o potencial da arte nos processos educativos, demonstrando sua relevância ao movimentar o pensamento em relação ao que está dado como normativo. O ato de mediar/articular, promove interlocuções antes impensadas, pois impele o pensamento a ancorar novas/outras ações com as crianças, possibilitando-nos perceber com grande ênfase a necessidade da exploração material, da diversidade de práticas que promovam a busca por soluções deslocadas do senso comum, bem como, a possibilidade de criação visual de outras estruturas de composição que se mostram necessárias a partir dos estudos da cultura visual. Há uma grande tendência em recorrer às imagens, conceitos e ideias já prontas, aludindo a imaginários coletivos oriundos de campos da publicidade, narrativas cinematográficas, produtos e desejos criados e veiculados pela indústria cultural (personagens presentes nos acessórios escolares – cadernos, estojos, mochilas). Sob estes aspectos, talvez tenhamos configurado nosso principal desafio: estimular processos criativos independentes e inventivos destituídos das representações apreendidas de outros contextos.

No que diz respeito a comunicação e vinculação possibilitada por projetos extensionistas que alcancem a comunidade, percebemos sua importância por causa de alguns distanciamentos: primeiramente geográfico (pois a sede da UFSM está a aproximadamente 13 quilômetros do centro da cidade, e mais ainda dos principais centros periféricos) mas também cognitivo. Sem pretender generalizar, é ainda muito comum o discurso de que a academia não está articulada com as experiências que ocorrem fora dela, o que a tornaria fora de contexto – segundo alguns relatos. Dessa forma, entende-se a necessidade de projetos, como esses que relatamos, que ampliem e alcancem mais espaços, que desenvolvam e estimulem a integração, aprendizagens compartilhadas e trocas de experiências.

Sendo assim, acredita-se que as experiências aqui narradas contemplam, em parte, algumas destas carências ao desenvolver e implementar ações educativas, práticas criativas entorno da arte e suas potencialidades cognitivas a partir do estudo da cultura visual pensando criticamente no desenvolvimento. Independente dos espaços que utilizamos, as ações continuam reverberando significativas possibilidades de ampliação e alcance, bem como mobilizando nossas próprias práticas e formas de atuar a partir de exposições de arte centradas em imagens. As perspectivas para futuros desdobramentos são muitas, mirando os objetivos de integração, bem como da experiência estética no campo das artes visuais. Vivências que multipliquem experiências sensíveis pautadas pela potência educativa das artes visuais.

Ao examinar as relações dos sujeitos envolvidos com as exposições itinerantes - seus diálogos, interpretações e reconstruções - percebeu-se que a negociação é fundamental para desenvolver e estimular a construção do conhecimento a partir de uma abordagem educativa política, crítica, que intensifica o caráter subjetivo e colaborativo *com/entre* os sujeitos. Diante da experiência de aprender *com/a partir* das artes e das imagens, estamos lidando com imprevisibilidades, incongruências, insatisfação e a constante possibilidade de revermos nossas concepções e demais processos constitutivos. Como argumenta Duncum (2011: 19), ambiente educativo pode configurar-se, portanto, como lugar de tensionamentos, “repleto de imagens que afetam e reverberam conexões inventivas de distintos saberes”, visto que as imagens implicam nesta ação.

Dessa forma, as experimentações sinalizam o potencial da arte em movimentar nosso pensamento em relação ao que está dado, desafiando-nos a promover rupturas ao ancorar outras/novas relações com experiências educativas que desconhecemos, ou que, cotidianamente, em nossos processos de formação da docência em artes visuais, não são contempladas.

REFERÊNCIAS

- BRUNER, J. (1991), *Actos de significado: más allá de la revolución cognitiva*. Madrid: Alianza Editorial.
- DUNCUM, Paul. **Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer**. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. (Org.) *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Edufsm, 2011. pp. 15 – 30.
- EISNER, E. (2009), Conferencia en España. Recuperado de <http://www.youtube.com/watch?v=3b5H7cH9CKE> [acesso: 03/03/2014]
- GAMA, R. (2013), Algumas questões para educação em museus. In: RANGEL, Aparecida et al. (org.): *Anais do I Seminário de Mediação do Projeto Museus de Ideias*. Rio de Janeiro: Museu Castro Maya.
- HELGUERA, P. (org.) (2011), *Mediação – traçando território*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul.
- HERNÁNDEZ, F. (2007), *Catadores da Cultura Visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação.
- KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. **Aproximações disciplinares: história, arte e imagem**. Anos 90-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, v. 15, n. 18, p. 151-168, dez. 2008
- MARTINS, M. C. (org.) (2005), *Mediação: provocações estéticas*. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Pós-graduação, v.1, n.1, out.

CURRÍCULO

Lutiere Dalla Valle

Docente do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria-RS/Brasil. Doutor e Mestre em Artes Visuais e Educação (Universidad de Barcelona/ES); Mestre em Educação, Especialista em Arte e Visualidades, Licenciado e Bacharel em Artes Visuais, ambos pela Universidade Federal de Santa Maria-RS/Brasil. Coordenador do Laboratório Artes Visuais e suas I/Mediações (lavim.ufsm.br) dentre outros projetos.

Milena Regina Duarte Corrêa

Graduanda em Artes Visuais Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFSM), bolsista do projeto de extensão Art in Bag - Exposições Itinerantes (FIEX/UFSM). Integrante do Laboratório Artes Visuais e suas I/Mediações.